

## BREVE OBSERVAÇÃO SOBRE A ILHA DA MADEIRA FEITA NO TRAJETO DE LIVORNO AO RIO DE JANEIRO

## BREVE OSSERVAZIONE SULL'ISOLA DI MADERA FATTA NEL TRAGITTO DA LIVORNO A RIO DI JANEIRO.

**Giuseppe Raddi**

Marilene Kall Alves<sup>170</sup>  
Profa. Ms. Benilde Socreppa Schultz<sup>171</sup>

O Brasil, aquele vasto e pouco conhecido país, tendo já há algum tempo chamado a atenção de doutos europeus, por tal motivo é que vários desses apressaram-se a ir lá para recolher produtos de todos os gêneros, e enriquecer a história do mundo natural<sup>172</sup> com as suas observações.

Animado pelo zelo e pelo desejo de ser útil à minha pátria, e não me preocupando com os riscos, e os inconvenientes, que acompanham inevitavelmente uma viagem a tão distantes regiões, fui eu mesmo, graças ao favor a mim dado pelo Augustíssimo nosso Imperial e Real Soberano, visitar e percorrer aquelas ricas, encantadoras<sup>173</sup> e férteis terras, as quais oferecem ao filósofo atento o mais vasto campo de doutas pesquisas.

Tirando proveito então da favorável ocasião que me oferecia a partida de Livorno da Sua Alteza Imperial e Real a Arquiduquesa Leopoldina da Áustria destinada Esposa de Sua Alteza Real o Príncipe herdeiro dos Reinos de Portugal e do Brasil, embarquei no dia 13 de agosto de 1817 na nau portuguesa S. Sebastião, a qual fazia parte do comboio que escoltava a supracitada Sua Alteza, e ao

170 Marilene Kall Alves, estudante de Letras Português/Italiano, UNIOESTE, Universidade do Oeste do Paraná. E-mail, marileneprofe@hotmail.com.

171 Profa. Ms. Benilde Socreppa Schultz orientadora do projeto de ICV (iniciação científica voluntária): Tradução do artigo *Breve osservazione sull'isola di Madera fatta nel tragitto da Livorno a Rio di Janeiro da Giuseppe Raddi Fiorentino*.

172 Optamos pelas palavras “história do mundo natural”, por melhor representar a ideia do autor em italiano ao invés de traduzir literalmente “história da natureza”.

173 A palavra *deliziosa* em italiano, não causa o constrangimento que, no Brasil, certamente, ocorreria, por esse motivo optamos pela palavra “encantadora” que tem o mesmo significado.

amanhecer do sucessivo dia 15 se fez vela de Livorno com um vento de Noroeste. Em primeiro de setembro atravessamos o Estreito de Gibraltar, e em 11 do mesmo mês chegamos a Madeira, onde a âncora foi jogada com o intuito de abastecer as embarcações com fornecimento de alimentos e principalmente de carne, que já começavam a faltar; e ao anoitecer do seguinte dia 13 retornamos todos a bordo para então prosseguir nossa viagem ao hemisfério oposto.

Uma visita tão breve e passageira feita àquela ilha não poderia, como é na natureza das coisas, permitir-me de dar uma informação completa da mesma, sobretudo a respeito de seus produtos, de seu solo ou clima, e da produção de seus habitantes. Tudo isso quando contemplado por observadores estacionários, nas mais variadas circunstâncias possíveis, mesmo que com uma perspicácia menos filosófica, deve, todavia, ser infinitamente melhor conhecido, e menos sujeito àqueles erros, que inevitavelmente acompanham uma rápida e momentânea observação; erros que só pela experiência, e pelas repetidas observações podem ser corrigidos. Não é para indicar aquelas pequenas plantas ali recolhidas ou observadas, mas sim dar a conhecer outras ou outra nova planta, ou uma ainda não mencionada pelos Botânicos que lá ancoraram, que eu farei agora uma brevíssima menção da mesma.

É sabido que alguns escritores sustentaram que a América era conhecida pelos antigos pelo nome de Ilha Atlântida, e outros que a mesma era uma ilha fabulosa imaginada por Platão por representar alegoricamente o governo de Atenas; é sabido, além disso, que os modernos têm como verossímil, aliás, não se duvida da antiga existência da Ilha Atlântica na parte ocidental do mar deste nome defronte das assim chamadas colunas de Hércules, e essa ilha, segundo se conta, desapareceu, ficando submersa por um terremoto seguido por uma assustadora chuva, que como narra Platão no livro XXXII, durou um dia e uma inteira noite, e isso diz respeito às ilhas Açores e também às Canárias, como outros tantos fragmentos da mesma. Entre estas soma-se Madeira, descoberta pelos portugueses em 1420, e pelos mesmos assim chamada, por tê-la encontrada inteiramente coberta por árvores, quase formando um único bosque e desse modo dando origem ao seu nome que no idioma português diz-se Madeira.

Querendo então os portugueses desmatá-la com o objetivo de utilizar o menos tempo possível, pensaram em queimá-la. O fogo estendeu-se tanto e tornou-

se tão violento<sup>174</sup>, que incendiou a ilha inteira, obrigando-os a refugiar-se em suas embarcações para salvarem-se. Dizem que este incêndio durou mais de sete anos, e que como consequência as cinzas tornaram a principio a terra ainda mais fértil.

Examinei, mesmo que por um breve tempo, o solo dessa ilha, e o descobri inteiramente vulcânico. Julgando pelos extratos basálticos, que em partes são formados por colunas espessas, ou prismas com cinco ou seis ângulos dispostos verticalmente quase na superfície do dito solo, (como claramente se observa naquela parte da ilha, que se situa ao lado direito da cidade de Funchal, precisamente atrás do forte que defende a entrada pelo mar) pode-se realmente dizer, segundo o que pensa o Senhor Patrin a respeito da formação dessa espécie de basaltos, que a ilha inteira não é nada a mais que o resultado de uma verdadeira erupção de lama vulcânica submarina.

Na maior parte da lava é possível observar praticamente as mesmas substâncias, que se encontram naquelas do Vesúvio ou do Etna, das quais o mineral idocrásio<sup>175</sup>, ou vesuvianita de Werner é o mais abundante no local.

A ilha está situada abaixo 32<sup>mo</sup> grau, 37' 30' minutos de latitude setentrional entre o estreito Gibraltar e as Canárias, e abaixo 17<sup>mo</sup> grau e 05'00" minutos de longitude O. de Greenwich. A sua forma ou desenho é quase triangular; e quando observada pela parte exterior, essa não apresenta nada mais que o aspecto de um conjunto de colinas e montanhas accidentadas. A sua capital é Funchal, residência do Bispo e do governador, e é a capital de todo o comercio feito pelos habitantes da ilha. Esta cidade está situada a beira-mar ao sul da ilha, e tem sua entrada, ou porto, se assim pode ser chamado, defendido por um forte feito em forma de torre quadrangular, circundado pelo mar, e distante cerca de uma milha da praia. Nas vizinhanças de tal cidade existem muitas, agradáveis casas de prazer<sup>176</sup>, em cujos jardins são cultivadas, graças ao ar temperado do qual se desfruta, muitas plantas que foram transportadas das Índias seja Orientais que Ocidentais. Tais são, por exemplo o ananás (*Bromelia ananas Lin.*), o café (*Coffea arabica L.*), a cana de

174 No Original “furioso”, a tradução literal seria furioso, porém optamos pela palavra violento por expressar melhor a ideia do autor.

175 Rubrica: mineralogia. silicato básico de cálcio, magnésio e alumínio tetragonal, encontrado em calcários que sofreram metamorfismo de contato e cuja variedade californita é us. como gema.

176 No original “case di piacere”. A tradução literal de tal trecho seria “casas de prazer”. A principio optamos pela palavra “bordel”, mas posteriormente decidimos por “casas de prazer” que, apesar de ser uma locução arcaica, pouco utilizada atualmente, semanticamente ainda possui o mesmo sentido dado por Raddi.

açúcar, (*Saccharum officinarum L.*) o Jambo Rosa (*Eugenia Jambos*), o Maracujá (*Passiflora alata*), Cacto Rosa (*Cactus pereskia*), a Goiaba ( *Psidium pyriferium Lin.*, *Ps. Guajava Nob.*), etc., etc., como também muitíssimas outras plantas de flores, algumas das quais agora nascem espontâneas; como a Capuchinha (*Tropaeolum majus Lin.*), o Brinco de Princesa (*Fuchsia coccinea W.*) o Amariilis (*Amaryllis belladonna Lin.*)<sup>177</sup> etc. Desse último se encontram hoje em grande quantidade, particularmente nas cercas vivas, com as quais os jovens fazem grandes maços para divertir-se, como fazem os nossos jovens com as flores do campo na primavera. O Brinco de Princesa se encontra igualmente nas cercas vivas, e também nos muros velhos.

As montanhas vizinhas são tão férteis quanto amena é a vista que as mesmas oferecem, sendo cultivadas como as planícies. De uma das citadas montanhas nasce uma forte torrente, que frequentemente provoca inundações, as quais trasbordam e transportam consigo pontes e casas. A terra que as cobre é ferruginosa, e inteiramente escura, ou de uma cor vermelho escuro; essa terra é o produto da natural e espontânea decomposição da lava e dos vegetais que ali se encontram. Sete ou oito são os rios que banham toda a ilha.

O seu produto principal é o vinho, o qual tem a propriedade de tornar-se melhor, quando exposto ao calor do sol: e é principalmente aquele, que forma a riqueza dos seus habitantes. A videira foi transportada de Cândia (Grécia) e os vinhedos ocupam a maior parte da terra cultivada. Geralmente são formados por pérgolas da altura de uma até três braças, conforme pede a situação, ou exposição das mesmas. As videiras que formam essas pérgolas são plantadas cerca de duas braças uma da outra, e às vezes mais. Segundo as informações recolhidas daqueles habitantes, as mesmas são por eles podadas por volta do mês de março, como se faz na Toscana. Depois da floração cortam todos os ramos desprovidos de cachos, que os habitantes consideram como inúteis e um tanto nocivos ao aumento dos cachos, fazendo desse modo uma segunda poda; e quando os grãos de uva começam a tornar-se maiores e próximos do amadurecimento, lhes tiram ainda quase a metade das folhas com o intuito de deixar descobertos os ditos cachos e, por consequência livres para receber a influência dos raios solares; desse modo

---

<sup>177</sup> Muitas das taxonomias binominais indicadas por Lineu podem ter atualmente sua nomenclatura modificada.

fazem como uma espécie de terceira poda. Três, ou quatro são os tipos de vinhos, que esses vinhedos fornecem.

A vindima é feita habitualmente pelos habitantes da ilha nos primeiros quinze dias de setembro, quando a uva está bem madura. O método que os mesmos têm para fazer o vinho é o seguinte. Colocam a uva já colhida em uma grande barrica ou cuba, onde a pisam tanto até que seja inteiramente espremido o suco, o qual ao mesmo tempo passa dessa barrica a outra, na qual fica até que ocorra a fermentação, ou, para servir-se de expressão vulgar, a fervura do vinho. Este, depois, é colocado em odres formados cada um pela pele inteira de uma cabra, sendo, semelhante, àqueles usados pelos antigos Gregos e em muitos lugares da Itália para o óleo. E são transportados neles para os armazéns da cidade, onde o vinho é derramado em barris, que por aqueles habitantes são chamados de pipas<sup>178</sup>. No vinho mais fraco geralmente adicionam uma pequena dose de água-bruta<sup>179</sup>, a fim de que aguente a navegação, e adquira ao mesmo tempo resistência.

São cultivadas duas espécies de batatas, uma das quais é a nossa batata comum, e geralmente conhecida pelo nome de batata da terra (*Solanum tuberosum Lin.*) a qual os alemães chamam de *Kartoffel*, que equivale a trufa, para distingui-la da verdadeira batata, (*Convolvulus batatas Lin.*) por alguns chamada de *Batata da Espanha* e por outros ainda de *Batata doce*. A primeira foi transportada da Virgínia (USA) para a Europa em 1584, e em 1590 foi descrita por Gaspero Baudino; a segunda, embora indígena, ainda é cultivada em ambas as Índias, pelo motivo de ser muito utilizada pelos habitantes que preparam farinha com a mesma para fazer pão, e uma bebida que chamam de *Mobby*. Essa mesma batata ainda é cultivada na Espanha, por isso é chamada de batata da Espanha, e também em outras partes da Europa Meridional. Os Índios comem as folhas macias dessa planta cozidas na forma de salada; e no Rio de Janeiro fazem uma espécie de molho espesso, que nas tabernas servem como se fosse espinafre.

O Inhame egípcio ou (*Arun colocasia Lin*) também é cultivado e em abundância, pelo uso que se faz de suas raízes, as quais são comidas cozidas por aqueles habitantes, e temperadas com sal, e são consideradas um alimento

178 Pipa, recipiente bojudo de madeira, para líquidos. Palavra da língua portuguesa incorporada ao vocabulário italiano.

179 Água-bruta, “regionalismo utilizado para a cachaça, aguardente de cana”.

saudável; *Inhame do Egípto*, assim é conhecida essa planta. Todas as cucurbitáceas, leguminosas, e outras plantas culinárias, que é hábito cultivar na Itália, cultivam-se também em Madeira, assim como o sorgo, o milho e a maior parte ou quase todos os nossos frutos; o país utiliza muitos limões, e laranjas. O grão colhido não é suficiente para o consumo dos habitantes, que para suprir a falta do mesmo e prevenir-se da fome, são obrigados a recorrer às Ilhas Açores, e à Europa. A América setentrional também lhes fornece ajuda.

Entre as plantas de flores ali cultivadas a Hortência merece uma menção particular, seja pela quantidade extraordinária que existe dessa bela planta, bem como pela magnífica cor azul dos seus cálices, cor certamente devida à qualidade ferruginosa daquela terra. As ruas pelas quais devia passar a Imperial e Real Arquiduquesa Esposa estavam cobertas com as belas flores que foram espalhadas naquela ocasião.

Farei agora uma breve e sistemática enumeração de todas aquelas plantas que foram por mim encontradas e nasciam espontâneas naquela que se pode assim dizer, momentânea excursão feita naquelas montanhas, e que realmente como tal podem considerar-se, não enumerando aquelas que se tornaram espontâneas depois de terem sido transportadas do exterior, ou mediante a propagada cultivação, como algumas que já mencionamos acima. São as seguintes:

- Cl. I Monandria – Monogynia.  
Callistriche aestivalis. Thuill.
- Cl. II. Diandria – Monogynia.  
Veronica beccabunga. Lin.  
\_\_\_\_ Anagallis. L.
- Cl. III. Triandria – Monogynia.  
Cyperus longus.  
\_\_\_\_ Tr. Digynia.  
Piptatherum paradoxum. Pal. De Beauv. Agrostis miliacea  
Gouam.
- Melica altissima. Willd.  
Holcus lanatus. Lin.  
Setaria glauca. Gaud. Panicum glaucum. W:  
\_\_\_\_ viridis. Roem. Panicum viride. Lin.
- Digitaria sanguinalis. Scop.  
\_\_\_\_ glabra Roem. Dig. Himifusa Pers.  
Briza media. Lin.  
Festuca bromoides. Lin:  
Glyceria fluitans. Roem. Festuca fluitans. Lin.  
Brachypodium pinnatum. Roem: Bromus Lin.  
\_\_\_\_ distachyon R., Bromus distachyos b. polystachyos.
- Chaetaria adscensionis. P. de B. Arundo donax. Lin;  
Donax arundinacea: P. de B. Arundo donax. Lin;  
Arundo airaeformis. calycibus bifloris, panicula patente, floribus  
muticis, foliis inferioribus distichis laevis. Nob.

Essa planta encontra-se ao longo da torrente, e tem o aspecto de uma *Aira*<sup>180</sup>. O seu caule é fino, levemente estriado, áspero na parte inferior, comprido cerca de dois pés. As folhas inferiores da mesma são dísticas, lineares, com estrias finas, glabras em ambas as partes, uma linha larga, com as suas bainhas também glabras, as quais têm na entrada uma pequena aba obtusa pouco visível; as superiores são um pouco mais largas, e munidas, na entrada, da sua bainha por uma aba ou membrana branca menor de duas linhas, truncada e um tanto lacerada na extremidade. O sabugo é longo, três ou quatro polegadas com raminhos espirais ao meio dos quais o inferior é do comprimento de uma até duas polegadas e meia. As espiguetas compreendem constantemente duas flores circundadas cada uma por uma pelugem longa, que nasce na base das mesmas, e as ditas espiguetas são sustentadas por pedicelos cônicos, longos cerca de meia linha, e ásperos assim como os raminhos. As glumas caliciadas são diferentes, acuminadas, trinérveas, e ásperas na parte superior do carenal, ou nervo médio. As glumas corolineas externas das flores são perfeitamente parecidas àquelas dos cálices.

*Andropogon hirtum. Lin.*

*Lolium tenuue. Lin.*

*Tr. Tryginia.*

*Polycarpon tetraphyllum. Lin.*

*Cl. IV. Tetrandria – Monogynia.*

*Galium lucidum. Allion.*

*Plantago crispa Jacq., Pl. crassa W.*

*\_\_\_\_\_ major. Lin.*

*\_\_\_\_\_ altissima. Jacq.*

*\_\_\_\_\_ lanata. Foliis lanceolatis denticulatis, spica oblonga scaporque angulato- - subtetratongo hirsutis. Nob. Na. Pl. victorialis var?*

Está mesma planta a encontrei em uma colina perto de Florença entre os montes Vecchi e Gareggi. Parece diferenciar-se das plantações do monte S. Victor (*Plantago victorialis*) por ter suas folhas inteiramente cobertas por uma lã bastante espessa, longa e esbranquiçada, enquanto nessa última essas são lineares lanceoladas e simplesmente angulares. Os ângulos das mesmas na maioria das vezes não ultrapassam o número de quatro,

*Cl. V. Pentandria - Monogynia.*

*Myosotis palustris Roth.*

*Echium vulgare. Lin.*

*Convovulus arvensis. L.*

180 *Aira*: gênero de planta gramínea.

\_\_\_\_\_ *althacoides*. L.  
*Physalis aristata*. Ait.  
*Solanum pseudo – capsicum*. Lin:  
\_\_\_\_\_ *nigrum*. Lin.  
\_\_\_\_\_ *pseudo-lycopersicum*. Jacq:  
*Hagea teneriffae*. Pers., *Polycarpea*. Lam.  
*Cynanchum vincetoxicum*. Pers. *Asclepias* Lin.  
\_\_\_\_\_ *P. Digynia*.  
*Chaenopodium viride*, Lin.  
\_\_\_\_\_ *botrys*. Lin.  
\_\_\_\_\_ *ambrisoides*. L.  
\_\_\_\_\_ *vulvaria*. L.  
*Anethum foeniculum*. L.  
\_\_\_\_\_ *P. Trigynia*.  
*Rhus semialatum*. Murr.  
*Tamarix africana*. Des Font.  
\_\_\_\_\_ *P. Pentagynia*.  
*Statice alliacea*. Cavan.  
Cl. VI. *Hexandria-Monogynia*.  
*Agave americana*. Lin.  
*Juncus effusus* Willd.  
\_\_\_\_\_ *aquaticus*. Pers.  
\_\_\_\_\_ *bufonius*. Lin.  
\_\_\_\_\_ *Hex. Polygynia*.  
*Alisma Plantago*. Lin.  
Cl. VII. *Heptandria-Monogynia*.  
*Epilobium montanum* b. *pubescens*. Nob.

Diferencia-se do Epilório de montanha de Linneo por ser somente púbere em todas as suas partes.

Cl. VIII. *Hept. Trigynia*.  
*Polygonum aviculare*. Lin.  
Cl. IX. *Enneandria-Monogynia*.  
*Laurus nobilis*. Lin.  
\_\_\_\_\_ *indica*. Lin.  
\_\_\_\_\_ *Cl. X Decandria- Monogynia*.  
*Tribulus terrestris*. Lin.  
*Arbutus unedo*. Lin.  
*Clethra arborea*. Ait.  
D. *Digynia*.  
*Gypsophila perfoliata*. Lin.?  
*Dianthus profiler*. Lin.  
D: *Trigynia*.  
*Cucubalus Behen*. Lin.  
*Arenaria verna*. Lin.  
\_\_\_\_\_ *alsinoides*; *foliis ovato-lanceolatis basi attenuates ciliatis, caulis longissimis ramosis prostrates glabris quadrangularibus, pedunculis axillaribus 1-3 floribus, floribus apetalis*. Nob.

Essa planta encontra-se em abundância sobre o leito arenoso dos rios não muito distantes de Funchal. O seu caule ultrapassa o comprimento de um pé, e não é raro que alcance até um pé e meio, é quadrangular, com ramificações, liso e quase sempre curvado para o chão. As suas folhas são opostas, oval-lanceoladas, giradas para a base, ou seja, da metade para baixo, onde diversas vezes são tão estreitas,

que parecem pecioladas. Das axilas das folhas surgem as flores, as quais ora são solitárias, ora são sustentadas por um pedúnculo comum, e algumas vezes também por três, cada um dos quais é composto por um cálice de cinco folhas lanceoladas agudas e quase transparentes com três nervos longitudinais da mesma cor das folhas, dez estames dos quais os filamentos são planos, e largos na base ou inseridos no mesmo de tal maneira que parecem quase formar um só corpo; uma cápsula oval e lisa, coberta por três estilos curvados externamente, a qual se abre em seis válvulas, quando madura. Os pedúnculos que sustentam essas flores são munidos cada um de duas brácteas quase similares às folhas que compõem o cálice.

- D. Pentagynia.*
- Sedum dasyphyllum* Lin.  
*Oxalis corniculata* Lin.  
*Spergula saginoides* Lin.  
*Cl. XI. Dodecandria-Monogynia.*
- Portulaca oleracea* Lin.  
*Lytrum hyssopifolia* Lin.  
*D. Digynia.*
- Agrimonia luteola* Lin.  
*Cl. XII. Icosandria-Monogynia*
- Cactus opuntia* Lin.  
*Myrtus communis* Lin.  
*v. lusitanica* Pers.  
*mucronata* Pers.  
*Punica granatum* Lin.  
*Aizoon canariense* Lin.  
*Pentagynia*  
*Rubus fruticosus* Lin.  
*B. tomentosus* W:  
*Gream urbanum* Lin.  
*Cl. XIII. Polyandria-Polygynia.*
- Glechoma vitalba* Lin?  
*Ranunculus repens* Lin.  
*Cl. XIV. Didynamia-Gymnospermia*
- Ajuga reptans* Lin.  
*Teucrium betonicum* L. Herit.  
*Lavandula pedunculata* Pers.  
*Sideritis canariensis* Lin.  
*Mentha sylvestris* Lin.  
*rotundifolia* L.  
*pulegium* L.  
*Stachys circinata* Vahl., *St. Canariensis* Mur.  
*Origanum vulgare* var.  
*Acinos villosus* Pers. ?an Sp. N.  
*Prunella vulgaris* Lin.  
*D. Angiospermia*
- Antirrhium purpureum* Lin.  
*chalepense* Lin.  
*Orontium arvense* Pers.  
*Scrophularia glabrata* Ait.  
*Digitalis purpurea* Lin.

- Cl. XV *Tetradynamia-Siliculosa.*  
*Biscutella apula* Lin. ?  
*Isatis tinctoria* Lin.  
    *T. Siliquosa*  
*Gardamiae hirsuta* Lin.  
*Turritis hirsuta* Lin.  
Cl. XVI. *Monadelphia – Pentandria*  
*Melochia pyramidata* Lin:  
    *M. Decandria*  
*Geranium robertianum* Lin.  
    *M. Polyandria*  
*Sida rhombifolia* L.  
    *abotilon* L.  
*Malva cymbalaria* Desr.  
Cl. XVII. *Diadelphia-Decandria.*  
*Spartium scoparium* Lin.  
*Psoralea bituminosa* B. Willd.  
*Lotus corniculatus* Lin.  
Cl. XVIII. *Polyadelphia-Polyandria*  
*Hypericum inodorum?* Na Sp. n.  
    *floridumbum* Ait.  
    *dichotomum* Lam.  
Cl. XIX. *Syngenesia- Polyg. Aequalis.*  
*Sonchus oleraceus* B. asper  
*Thrincia pygmaea*. Pers.  
*Helminthia ecbioides* W.  
*Crepis coronopifolia* Desfont.  
*Andryala cheiranthifolia* L'Herit.  
*Scolymus maculatus* Lin.  
*Carthamus creticus* L.  
    *S. Polyg. superflua*  
*Gnaphalium undulatum* L.  
*Chrysanthemum myconis* L.  
    *S. Polyg. Necessaria*  
*Galendula arvensis* Lin.  
Cl. XXI. *Monoecia- Diandria.*  
*Lemma minor* Lin.  
    *M. Triandria*  
*Carex divulsa* Gooden.  
    *muricata* Lin.  
    *M. Tetrandria*  
*Urtica pilulifera* Lin.  
    *urens* Lin.  
*Morus nigra* L. ?  
    *m. Pentandria*  
*Amaranthus blitum* Lin.  
    *prostratus* Balb.  
    *M. Polyandria.*  
*Castanca vesca* Gaerin., *Fagus castanca* Lin.  
Cl. XXII. *Dioecia-Gynandria.*  
*Ruscus androgynus* Lin.  
Cl. XXIII. *Polygamia-Monoecia*  
*Parietaria officinalis* Lin.  
Cl. XXIV. *Cryptogamia-Filices.*  
*Ceterach officinarum* Wild., *Asplenium* Lin.  
*Polypodium vulgare* Lin.  
*Aspidium molle* Sw.  
    *tenuie.* Schkuhr crypt. Tab 53.b.var. Aspl. frag.  
*Aspidium fragile* var, Schk. Erypt. 53. Tab. 56.  
*Asplenium adiantum nigrum* Lin.

*Pteris lanuginose* W.  
*Adiantum reniforme* Lin.  
— *capillus veneris* Lin.  
*Davallia canaricus* Sw., *Trichomanes* Lin.  
    *Hepaticac.*  
*Marchantia polymorpha* var. *Machantia foliis in medio atris, et non tesselatis,*  
*capitulo stellato, radiosteretibus.* Mich.  
*N. pl. gen. 2. tab. i. f.3.*  
*Reboullia maderensis;* *fronde dichotoma glaucescente, inerne obsure,*  
*violacea et transverse squamoso-ciliata, extremitatibus sub-emarginatis:*  
*fructibus numerosis epiphyllis. nob.*

Encontram-se em grande número nos sulcos, e nas fissuras dos muros úmidos. Produz frutos no mês de setembro.

A sua fronde é formada por ramos dicotómicos, quase truncados e um pouco aparados na sua extremidade, um tanto côncavos, de um verde pálido na parte superior, onduladas e purpúreas na margem; a parte inferior das mesmas também é avermelhada e ao longo do centro da mesma flui um engrossamento carnudo recoberto por numerosas e tênues raízes; no meio das quais está a supracitada fronde intimamente aderente à terra. Em ambos os lados desse engrossamento ou talo situam-se bordas membranosas e largas da mesma cor púrpura. Lateralmente e transversalmente estão sobrepostos um e outro na forma de laminas abdominais serpenteadas das quais as pontas agudas ultrapassam apenas a margem dos galhos até as extremidades. Por quase todo o comprimento, da parte superior desses galhos e precisamente no meio dos mesmos encontram-se cavidades redondas contornadas por duas ordens de bordas membranosas e quase semelhantes aos supracitados, dos quais os externos são mais curtos, e como aqueles, da cor púrpura; no interior mais longos, e esbranquiçados. Do centro das ditas cavidades levantam-se outros tantos receptáculos carnudos e pedunculados em forma quadrangular, ou algumas vezes também triangular, que se abrem longitudinalmente em cada um dos seus ângulos, nas aberturas dos quais contêm outros tantos casulos ovais e sexuados, que no seu amadurecimento irregularmente se dilaceram, da mesma forma, que aquelas da *Reboullia hemisphaerica* (*Marchantia hemisphaerica* Lin.) para então deixar surgir as sementes ou esporos nessas contidas; estas são redondas reticuladas areoladas, e munidas cada uma de um grosso e breve filamento feito em forma de correntinha.

*Corsinia marchantioides.* Rad. Dec.; *Riccia coriandrina.* Spreng.  
*Anthoceros laevis.* Lin.  
*Parmelia parlata.* Ach.  
*Stereocaulon ramulosum, var.* Ach.

Deixada Madeira na noite de 13 de setembro, como já foi dito, depois de uma navegação de cinco dias chegamos ao Trópico de Câncer, e em 17 do mês sucessivo, outubro, à cerca de dez horas da noite passamos a linha do equador. Esta passagem aconteceu sem que se sentisse o menor excesso de calor, aliás, poderia dizer ter sentido um frescor naquela ocasião, para me proteger do qual fui obrigado a abotoar por inteiro o meu traje de tecido. As chuvas quase contínuas, que já nos acompanhavam desde o sétimo grau de latitude setentrional, e os ventos que do mesmo modo sem piedade sopravam, foram com certeza o motivo de tal extraordinário frescor. O meu termômetro marcou 26 1, 2 graus, naquele dia, igual àquela região tórrida de um trópico ao outro, ou seja, do Trópico de Câncer até o Rio de Janeiro, foi no dia 24 de setembro, época na qual nos encontrávamos abaixo dos 14 mo graus, 05.' 37.' de latitude setentrional, e a 20 mo. grau, min. 31'. 48.' de longitude O. de Londres, onde o mesmo termômetro marcava 30 graus, ou seja 24. de Reaumur; o calor médio foi de 27 1f4 = 21 4/5 Reaum.; o mínimo 21 = 16 4/5 Reaum.

Na manhã do dia cinco de novembro começamos a descobrir as montanhas próximas da costa do Brasil, entre as quais se distinguiam particularmente, no nosso aproximar-se aquelas que, diz-se representarem com seus topos um gigante descansando e no pôr-do-sol do mesmo dia entramos na baía, o porto do Rio de Janeiro, do qual pode-se dizer que a entrada é realmente imponente e majestosa.

Aquilo que me surpreendeu muito nessa longa navegação, e que não merece passar em branco, foi a prodigiosa e incontável quantidade de tons (*Scomber Thynnus Lin.*) de cada superioridade, assim como o imenso número dos assim ditos peixes voadores, ou tainhas aladas (*Exocoetus volitans Lin.*) que encontramos nas proximidades de ambos os trópicos; tal coisa foi por vários dias objeto de admiração por todos aqueles que encontravam-se à bordo. Numerosas multidões desses pequenos peixes perseguidos pelos primeiros viam-se pular de todos os lados fora da água, voando com a ajuda de suas barbatanas peitorais, também em longos trechos, procurando assim escapar da ávida e gulosa perseguição dos seus inimigos, as quais alguma vez se associavam ainda com os belos dourados (*Coryphaenae*), e àquela espécie de escombro, que os marinheiros chamam judeu (*Scomber pelamis L.*) *sardinha*.

Com a ocasião de dar conta posteriormente de alguns animais do Brasil, darei ainda a descrição de uma nova espécie de sépia encontrada abaixo do décimo primeiro grau de longitude setentrional e a 20. mo de longitude O. DE I., a qual chamarei com o nome de *Sepia pellucidula* pela semi transparência, que possui em todas as suas partes, à qual é portadora ainda de uma extrema delicadeza.

### REFERÊNCIAS

RADDI, Giuseppe. Breve osservazione sull'Isola di Madera fatta nel tragitto da Livorno a Rio di Janeiro. In: *Notizie di viaggi lontani*. BOSSI, Maurizio (a cura di). Napoli: Guida Ed.1984.